

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS  
TRANSEXUAIS: DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA  
ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

Mariana Alexandre Gadelha de Lima<sup>1</sup>, Beatriz Pereira Alves<sup>2</sup>

Francisca Andreza Passos Silva<sup>3</sup>, Jonathan Pereira de Sousa<sup>4</sup>

Anna Kalyne César Grangeiro Adriano<sup>5</sup>, Petra Kelly Rabelo de Sousa Fernandes<sup>6</sup>

Rayrla Cristina de Abreu Temoteo<sup>7</sup>, Marcelo Costa Fernandes<sup>8</sup>

**Destaques:** (1) O acolhimento em saúde é essencial para um bom atendimento na APS. (2) O preconceito é uma das barreiras para o acolhimento de qualidade. (3) Necessidade de capacitação profissional para o atendimento ao público trans.

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Saúde. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O artigo ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras/PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-0665-9562>

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL. Maceió/AL, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-2388-2854>

<sup>3</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras/PB, Brasil.

<https://orcid.org/0009-0001-1196-4126>

<sup>4</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras/PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-9124-5227>

<sup>5</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras/PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-6990-6252>

<sup>6</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras/PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-4791-5676>

<sup>7</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras/PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-1980-7819>

<sup>8</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras/PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-1626-3043>

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

<http://dx.doi.org/10.21527/2176-7114.2026.51.15824>

Como citar:

de Lima MAG, Alves BP, Silva FAP, de Sousa JP, Adriano AKCG, Fernandes PKR de S. et al. Fatores intervenientes no acolhimento de pessoas transexuais: Discurso dos enfermeiros da atenção primária à saúde. Rev. Contexto & Saúde. 2026;26(51):e15824

## **RESUMO**

**Objetivo:** identificar os fatores intervenientes no acolhimento de pessoas transexuais a partir do discurso dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde. **Método:** Trata-se de estudo descritivo, qualitativo. A investigação foi realizada com 13 enfermeiros de unidades de Estratégia Saúde da Família de um município do interior da Paraíba, Brasil, durante o ano de 2022. Os dados desta pesquisa foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada e analisados com base na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. **Resultados:** A partir do discurso dos enfermeiros foram construídas duas categorias de análise: Percepções do enfermeiro acerca das barreiras do acolhimento à população transexual e Educação permanente: possibilidade para ressignificação do acolhimento às pessoas trans. **Conclusão:** O estudo identificou fatores que influenciam o acolhimento de pessoas transexuais na perspectiva dos enfermeiros. Constatou-se que, apesar de ser essencial na Atenção Primária, essa etapa apresenta lacunas que dificultam a criação de vínculos e o avanço na consulta.

**Palavras-chave:** Pessoas Transgênero; Minorias Sexuais e de Gênero; Atenção Primária à Saúde; Enfermagem de Atenção Primária; Acolhimento.

## **INTRODUÇÃO**

O termo "transexuais" designa tanto mulheres quanto homens transexuais. As pessoas trans não se identificam com seus genitais biológicos nem com as designações socioculturais a eles atribuídas. Frequentemente, esse grupo realiza modificações corporais por meio do uso de hormônios e/ou cirurgias de redesignação sexual, buscando alinhar sua identidade de gênero às suas compreensões biopsicossociais<sup>1</sup>.

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

A vivência das pessoas trans é, em geral, marginalizada pela sociedade, que impõe a heteronormatividade como norma social. Transexuais não correspondem às expectativas tradicionais de gênero e sexualidade, rompendo com a concepção que associa, de forma obrigatória, o gênero ao corpo anatomo-fisiológico. As consequências desse processo incluem a exclusão do mercado de trabalho, barreiras no acesso à educação e dificuldades no atendimento pelos serviços de saúde<sup>2</sup>. Essa estigmatização expõe o grupo à violência física, psicológica e institucional, com índices crescentes em âmbito nacional, sobretudo entre mulheres transexuais e travestis<sup>3</sup>.

Diante desse cenário, é fundamental considerar os aspectos normativos que asseguram os direitos da população trans no Brasil. A Constituição Federal de 1988 estabelece a saúde como um direito de todos e dever do Estado, incluindo a promoção do bem-estar livre de preconceitos por origem, raça, sexo, cor ou idade<sup>4</sup>. Além disso, instrumentos legais e políticas públicas, como o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; a Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT+ (PNSI-LGBT); e as portarias que regulamentam o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), visam reduzir desigualdades, promover a inclusão social e garantir o acesso a serviços de saúde adequados<sup>5</sup>.

Os impasses enfrentados por pessoas transexuais na Atenção Primária à Saúde (APS) contribuem para o distanciamento desse público dos serviços de saúde. A escassez de informações por parte dos profissionais, muitas vezes associada a atitudes preconceituosas, dificulta a criação de vínculos. Como forma de se proteger da estigmatização, homens e mulheres trans podem omitir informações sobre sua identidade durante o atendimento. Adicionalmente, alguns profissionais e trabalhadores da saúde relatam insegurança ao abordar questões relacionadas à identidade de gênero<sup>6</sup>.

Embora o SUS tenha como princípio garantir serviços que atendam às necessidades da população trans, sua efetivação plena ainda enfrenta entraves. É urgente a capacitação de profissionais para o atendimento a pessoas trans, especialmente na APS, porta de entrada para o processo transexualizador e para outras demandas de saúde. Nesse contexto, o enfermeiro exerce papel central como mediador do acolhimento e do cuidado humanizado. Destaca-se, portanto, a importância da educação permanente voltada à população trans, com o objetivo de sensibilizar e qualificar os profissionais de enfermagem para esse cuidado específico<sup>7-8</sup>.

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

Diante do exposto, surge a seguinte pergunta norteadora: quais são os fatores intervenientes no acolhimento de pessoas transexuais, a partir do discurso dos enfermeiros da APS? Assim, o presente estudo possui como objetivo identificar os fatores intervenientes no acolhimento de pessoas transexuais, a partir do discurso dos enfermeiros da APS.

## **MÉTODOS**

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado no ano de 2022 com enfermeiros vinculados às Unidades da Estratégia Saúde da Família (ESF) de um município do interior da Paraíba, Brasil. À época da coleta de dados, o município contava com 25 equipes de ESF, cada uma composta por um enfermeiro, os quais foram considerados potenciais participantes da pesquisa. No entanto, a coleta foi finalizada após a 13<sup>a</sup> entrevista, momento em que se identificou a saturação teórica dos dados, critério que sinaliza a suficiência das informações obtidas para responder aos objetivos do estudo.

A amostragem teórica foi a técnica adotada para determinar o ponto de saturação, compreendido como o momento em que novas entrevistas deixam de trazer propriedades, dimensões ou relações relevantes ao fenômeno investigado. Diferentemente de uma simples repetição de dados, esse critério baseia-se na análise comparativa de incidentes significativos, até que não se observem novas propriedades conceituais emergentes no processo de codificação e interpretação dos dados<sup>9</sup>.

Dessa forma, participaram da pesquisa 13 enfermeiros, cuja contribuição foi considerada suficiente para o aprofundamento analítico proposto, conforme os fundamentos da abordagem qualitativa.

Adotaram-se como critérios de inclusão os enfermeiros atuantes na APS do município em questão, com exercício profissional igual ou superior a seis meses, período considerado mínimo para o estabelecimento de vínculo com a dinâmica do serviço. Como critérios de exclusão, consideraram-se os profissionais que se encontravam de férias, em licença ou afastados por qualquer outro motivo.

Os convites para participação na pesquisa e o agendamento das entrevistas foram realizados previamente por meio de aplicativo de comunicação, conforme a disponibilidade de dias e horários mais convenientes para cada profissional. As entrevistas foram conduzidas de

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

forma presencial, em ambiente reservado nas respectivas Unidades Básicas de Saúde (UBS) onde os enfermeiros atuavam, garantindo privacidade e conforto durante a coleta dos dados.

A coleta foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, contendo perguntas norteadoras como: “O que você entende por pessoa transexual?”; “Você já atendeu pessoas transexuais? Se sim, como foi esse atendimento?”; “Poderia descrever suas experiências ou como deveria ser o atendimento a essas pessoas?”; e “O que facilita e o que dificulta o acolhimento da pessoa transexual na Atenção Básica?”.

Mediante consentimento dos participantes, os discursos foram gravados com o gravador de voz do aparelho celular da pesquisadora e, posteriormente, transcritos integralmente em arquivo de texto utilizando o programa Microsoft Word. Cada entrevista teve duração média de 15 minutos.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi a técnica de análise dos dados empregada para a transcrição, organização e consequente análise dos dados que foram obtidos por meio das entrevistas. O DSC é reconhecido como um método eficaz para resgatar representações sociais, ao buscar a reconstituição dessas representações com base na preservação do contexto individual associado ao coletivo<sup>10</sup>.

O discurso é redigido na primeira pessoa do singular e estruturado a partir de Expressões-Chave (ECHs) que compartilham uma mesma Ideia Central (IC). Essa técnica tem por objetivo representar, de forma sintética, a visão presente nos discursos dos participantes. Importa destacar que o conteúdo de cada depoimento não se limita a uma categoria comum, mas sim a uma reconstrução elaborada a partir de trechos dos discursos, de modo a expressar o pensamento social diante de determinado fenômeno<sup>11</sup>.

O DSC possibilita representar a manifestação coletiva dos participantes sobre uma temática específica. Isso, no entanto, não implica que todos compartilhem exatamente o mesmo ponto de vista, mas que, no âmbito do grupo, essas falas apresentam um grau de homogeneidade. O método não se restringe aos pensamentos individuais, mas sim à junção destes, permitindo a construção de um discurso social que refletia representações coletivas<sup>11</sup>.

Este artigo é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Enfermagem, realizado na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras. A pesquisa teve início apenas após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da UFCG, sob o Parecer nº 5.387.647. A

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

coleta de dados foi iniciada após a leitura, compreensão e assinatura, em duas vias, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tanto pela pesquisadora quanto pelas participantes da investigação.

O estudo foi conduzido em sua totalidade em conformidade com a Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, respeitando os valores culturais, morais, religiosos e éticos das participantes, assegurando a confidencialidade das informações e a proteção de sua identidade. O artigo foi estruturado com base nos Critérios de Consolidação para Relatórios de Pesquisa Qualitativa (COREQ).

Para garantir o anonimato das participantes, foram utilizados códigos alfanuméricos conforme a ordem de realização das entrevistas, sendo identificadas como: E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12 e E13.

## **RESULTADOS**

### **Caracterização dos participantes da pesquisa**

O perfil sociodemográfico dos participantes desta pesquisa evidencia predominância de enfermeiros na faixa etária entre 31 e 35 anos (46,15%), seguida por faixas etárias de 26 a 29 anos e de 36 a 39 anos, ambas com 23,08% dos profissionais, e apenas um participante com idade superior a 39 anos (7,69%). No que se refere à identidade de gênero, a maioria (76,92%) se declarou do sexo feminino. Quanto à raça/cor, observa-se uma maioria de participantes autodeclarados pardos (61,54%), seguidos por brancos (30,77%) e pretos (7,69%).

No tocante à formação acadêmica, os participantes demonstraram elevado nível de qualificação, sendo que 10 dos 13 profissionais possuem formação pós-graduada. Destes, quatro têm titulação stricto sensu (três mestres e um doutor), enquanto seis concluíram cursos lato sensu, com ênfase em áreas como Saúde da Família, Saúde da Mulher, Saúde da Criança, Enfermagem do Trabalho e Gestão de Vigilância Sanitária. Ressalta-se que a especialização em Saúde da Família foi a mais recorrente, o que reflete um alinhamento entre a formação profissional e as demandas específicas da APS. A qualificação avançada desses enfermeiros contribui significativamente para práticas voltadas à integralidade, à humanização e à qualidade da assistência em saúde.

Em relação à experiência profissional, observou-se diversidade no tempo de atuação. Dois participantes (15,38%) atuam na Enfermagem entre 1 e 3 anos, dois entre 4 e 7 anos

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

(15,38%), cinco entre 8 e 11 anos (38,46%) e quatro entre 12 e 15 anos (30,77%). No cenário específico da Atenção Básica, três profissionais (23,08%) têm entre 6 meses e 3 anos de atuação, seis (46,15%) atuam entre 4 e 7 anos, três (23,08%) entre 8 e 11 anos, e apenas um (7,69%) possui experiência superior a 12 anos. Esse panorama revela um grupo com significativa vivência no contexto da APS, aspecto relevante para o desenvolvimento de práticas assistenciais qualificadas e coerentes com os princípios do SUS.

**Apresentação e categorização dos discursos**

A partir dos discursos dos enfermeiros, foram construídas duas categorias de análise: 1) Percepções do enfermeiro acerca das barreiras do acolhimento à população transexual e 2) Educação permanente: possibilidade para ressignificação do acolhimento às pessoas trans.

A primeira IC teve como objetivo identificar, na percepção dos enfermeiros, as barreiras enfrentadas pela população transexual no acesso aos serviços da APS. Integraram esse discurso seis participantes: E1, E2, E4, E5, E7 e E9.

**IC01 – Percepções do enfermeiro acerca das barreiras do acolhimento à população transexual**

*DSC01: Eles sofrem bastante estigma pela sociedade em geral, né? Talvez a maior dificuldade seja encontrar respeito na maioria das pessoas. Eles se sentem, infelizmente, marginalizados pela sociedade. Existe um bloqueio na busca pelo serviço, (...) aqueles espaços pra eles não atrativos, eles não se sentem acolhidos, muitas vezes. Tem pessoas que não têm essa concepção de realmente respeitar o direito do paciente trans ao utilizar o nome social. Não é todo membro da equipe que consegue, né?! As meninas de recepção, como elas que tem o primeiro contato com o paciente, né, elas ficam falando, né, “não sei se é homem ou se é mulher”, “como é que eu chamo”. É muito constrangedor, você fica sem saber falar, perguntar, com medo de ofender, também. Atendi uma pessoa, inclusive, numa campanha de vacinação contra COVID. É... e assim, realmente, a pessoa nem parecia ser transexual, e eu só percebi quando eu peguei o documento, que eu fui fazer a triagem, aí eu olhei pro documento e olhei pra pessoa, e fiquei até meio perdida, sem saber como conduzir a situação.*

Já a IC02 expressa a visão dos enfermeiros sobre a necessidade de abordar temáticas relacionadas à transexualidade em seus respectivos contextos de trabalho. Participaram da construção desse discurso seis entrevistados: E1, E4, E5, E6, E9 e E11.

**IC02 – Educação permanente: possibilidade para ressignificação do acolhimento às pessoas trans**

*DSC02: Esse grupo tem a política própria, mas também pouca gente conhece essa política. Às vezes, na Atenção Básica, a gente tá tão sobrecarregado, que a gente dá menos importância, menos visibilidade a algumas políticas por não estar em contato com tanta frequência. Tá com uns seis anos... cinco anos que eu me formei, e a gente não teve, assim, também, muitas capacitações de como abordar, de como fazer o acolhimento, de nada. Eu fui aprendendo no decorrer do trabalho. Tem outubro rosa, novembro azul, setembro amarelo, tem... cada mês é uma cor, mas não tem nenhum LGBTQ+. E se tiver, me desculpe, eu nunca ouvi falar, porque eles não dão importância (a gestão). Eu acho que a gente deveria ter mais programas, né, específicos para essas pessoas, como também capacitação para os profissionais. São tantas vertentes aí, né?! Eu acho que deveria ser mais trabalhado o acolhimento com essas pessoas com todos os profissionais do município, né?!*

**DISCUSSÃO**

Na IC01, os enfermeiros destacam obstáculos como o estigma social, a inadequação da ambiência dos serviços de saúde e a dificuldade de acolhimento por parte de outros membros da equipe multiprofissional. Esses impasses impactam diretamente na busca e na permanência da população transexual nos serviços de saúde.

O discurso dos profissionais faz referência ao fato de que o ambiente da UBS não é percebido como atrativo por pessoas transexuais, o que contribui para a sensação de não acolhimento. A concepção de um espaço voltado predominantemente à família — com foco em pais, mães e crianças — é citada como um dos fatores que geram o sentimento de não pertencimento entre usuários transexuais nesses serviços.

Outro ponto de destaque é a abordagem da pessoa transexual, identificada como um entrave para a efetivação do cuidado. Segundo Bitencourt e Ribeiro<sup>12</sup>, a escassa familiaridade dos profissionais da saúde com temáticas relacionadas a gênero e sexualidade contribui para situações de constrangimento vivenciadas por pessoas transexuais, o que pode resultar em seu afastamento dos serviços. Os autores interpretam esse desconhecimento como uma forma de discriminação, uma vez que tal lacuna inviabiliza uma abordagem holística, ao negligenciar a subjetividade e as especificidades desses usuários.

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

Um estudo conduzido em uma cidade da costa leste dos Estados Unidos corrobora os achados da presente pesquisa ao evidenciar as dificuldades enfrentadas por profissionais de saúde no atendimento à população transgênero. Os participantes relataram incertezas quanto à prestação de cuidados adequados, destacando a escassez de diretrizes clínicas específicas, o receio de adotar condutas não padronizadas e a complexidade em lidar com múltiplas demandas de saúde apresentadas por esses usuários<sup>13</sup>.

Além dos enfermeiros, outros membros da equipe apresentam dificuldades no manejo de situações envolvendo pessoas transexuais. A IC01 evidencia que a equipe da recepção, responsável pelo primeiro contato com o paciente, frequentemente demonstra insegurança na abordagem desses usuários.

Segundo Moura e Silva<sup>14</sup>, a procura pelo serviço de recepção em um ambiente de saúde é geralmente percebida como uma tarefa burocrática para pessoas cisgênero. Para indivíduos transexuais, entretanto, esse procedimento pode representar um desafio significativo, como, por exemplo, na garantia do direito ao uso do nome social. Em diversas situações, os profissionais de recepção não dispõem de conhecimento adequado sobre transexualidade ou sobre os procedimentos relacionados ao nome social<sup>15</sup>.

A qualificação de todos os profissionais do serviço de saúde que estão em contato direto com o público é fundamental para assegurar um cuidado inclusivo e sensível às especificidades da população trans. Isso envolve, entre outros aspectos, o uso correto de pronomes e nomes sociais, além da superação de estigmas e preconceitos que comprometem a relação terapêutica. A ausência de preparo adequado pode gerar constrangimento, impactar negativamente o acesso aos serviços e favorecer situações de discriminação, especialmente quando há divergência entre a identidade de gênero e os documentos oficiais<sup>16</sup>.

Nesse sentido, torna-se necessária a implementação de estratégias que promovam uma ambientação acolhedora para a população transexual<sup>17</sup>. A falta de inclusão e a consequente autoexclusão desse público dos serviços de APS dificultam o processo de atendimento, em razão da ausência de cuidados que considerem suas individualidades. Essa lacuna pode levar à procura por tratamentos clandestinos, aumentando a exposição a riscos e, consequentemente, a vulnerabilidade desse grupo<sup>18</sup>.

As problemáticas mencionadas contribuem para o estigma que incide sobre o bem-estar das pessoas transexuais. Apesar de existirem dispositivos legais que asseguram direitos em

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

diferentes áreas, inclusive na saúde, ainda não há consolidação efetiva dessas políticas na prática da APS, segundo Cohen e Tilio<sup>19</sup>. Os autores destacam que é necessário garantir cuidados abrangentes, que extrapolam o processo transexualizador.

A ausência de aproximação do enfermeiro à abordagem específica da pessoa transexual gera barreiras no acolhimento, uma vez que dificulta a investigação das particularidades de cada indivíduo. Essa dificuldade não se restringe ao profissional de enfermagem; conforme evidenciado na IC01, a equipe de recepção também enfrenta obstáculos ao lidar com pacientes transexuais.

Adicionalmente, a ambientação do serviço de saúde influencia diretamente a interação com o paciente. Os participantes da IC01 destacam que a configuração da unidade frequentemente não é atrativa para esse público. Materiais informativos direcionados predominantemente a gestantes ou idosos reforçam a percepção de que pessoas transexuais não são consideradas como destinatárias do cuidado, intensificando o sentimento de não pertencimento.

Na IC02, os participantes relataram dificuldades na aplicação prática das políticas de atenção à população transexual, além da ausência de apoio da gestão para promoção do cuidado. A carência de recursos que orientem o processo de trabalho dificulta que esses pacientes se sintam plenamente assistidos nas UBS's<sup>20</sup>. Em muitos casos, as práticas adotadas pelos profissionais não correspondem ao princípio da integralidade preconizado pelo SUS, sendo necessária a veiculação de informações de qualidade como estratégia de melhoria do atendimento<sup>21</sup>.

A necessidade de capacitação sobre o acolhimento à população transexual é particularmente relevante na APS, devido ao vínculo longitudinal que esse serviço mantém com os usuários. A qualificação é importante tanto para o enfermeiro — responsável pelo acolhimento do paciente — quanto para os recepcionistas, que registram informações pessoais essenciais e precisam abordar o público de maneira adequada, evitando constrangimentos.

Embora existam garantias legais, sua aplicação prática ainda enfrenta barreiras na APS, comprometendo o acesso ao cuidado. Para efetivar os direitos previstos na legislação, é necessário o engajamento dos profissionais responsáveis pelo atendimento<sup>22</sup>. O planejamento de cuidados equânimes depende, portanto, da capacitação do profissional de enfermagem, de

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

modo a promover uma abordagem integral do paciente, utilizando técnicas que atendam às suas necessidades específicas<sup>23</sup>.

Observa-se a crescente utilização de materiais educativos como estratégia de promoção da educação em saúde. Estudos ressaltam a importância de recursos informativos acessíveis e compreensíveis, especialmente para públicos específicos, evidenciando a necessidade de desenvolver tecnologias educativas que apoiem a tomada de decisão e forneçam informações claras<sup>21</sup>. Esses materiais contribuem para a melhoria do acolhimento, facilitam a compreensão das orientações de saúde e impactam positivamente na satisfação dos pacientes, promovendo um atendimento mais humanizado e qualificado.

Além dos materiais educativos, é responsabilidade da gestão da APS promover capacitações voltadas às equipes sobre a abordagem à população transexual. Essas qualificações podem ocorrer por meio de oficinas, minicursos, jornadas e eventos que incentivem a discussão de temas relacionados à saúde trans. Em consonância com a preconização da participação social no SUS, recomenda-se o envolvimento de pessoas transexuais para dialogarem com os profissionais, compartilhando experiências, percepções e propostas de melhoria no atendimento.

Concomitantemente, é necessário promover um ambiente visualmente acolhedor, por meio de cartazes, panfletos e outros recursos que transmitam respeito e valorizem as individualidades do público transexual. Esses materiais devem estar acessíveis a todos os frequentadores da unidade, abordando direitos da população trans e informações de saúde relevantes, como prevenção do câncer de colo uterino em homens trans que não realizaram cirurgia de redesignação sexual. O cuidado à saúde trans deve ir além do processo transexualizador e da hormonioterapia, contemplando todas as necessidades de saúde desse grupo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo permitiu identificar os fatores intervenientes no acolhimento de pessoas transexuais a partir do discurso dos enfermeiros da APS. O acolhimento em saúde é compreendido como o primeiro e fundamental passo para o desenvolvimento de um atendimento de qualidade, especialmente na APS. No entanto, observa-se a existência de

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

lacunas já nessa etapa, dificultando a criação de vínculos e o avanço das demais fases do atendimento.

Os enfermeiros destacam barreiras que comprometem a efetivação de um acolhimento adequado às pessoas transexuais na APS. Além do preconceito social enfrentado por esse grupo, fatores relacionados à própria organização do serviço também limitam o acesso, como a inadequação da ambência — frequentemente carente de elementos direcionados a esse público — e a dificuldade de funcionários da recepção no uso do nome social.

Os participantes enfatizam a necessidade de investimentos em capacitação profissional. Apesar de reconhecerem a existência de políticas voltadas à população transexual, a sobrecarga de trabalho e a priorização de outros grupos pelos gestores representam obstáculos à efetivação dessas normativas. Além dos enfermeiros, é essencial que os demais membros da equipe, como os recepcionistas — responsáveis pelo primeiro contato com o paciente e pelo registro de informações pessoais —, também recebam capacitação adequada.

Como limitação do estudo, destaca-se a escassez de pesquisas voltadas à população transexual no contexto da APS. A relevância desta pesquisa reside em fornecer subsídios para a compreensão da experiência dos enfermeiros no atendimento a pessoas trans, destacando a importância da humanização do cuidado e da educação permanente voltada à transexualidade. Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar a perspectiva da equipe de saúde da família sobre as especificidades dessa população, promovendo a efetivação e o fortalecimento das políticas públicas de saúde, além de favorecer a acessibilidade e a inclusão das pessoas transexuais.

## **REFERÊNCIAS**

1. Ministério da Saúde. Cuidar bem da saúde de cada um: faz bem para todos: faz bem para o Brasil: atenção integral à saúde da população trans: conteúdo para profissionais de saúde/trabalhadores do SUS. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidar\\_bem\\_saude\\_populacao\\_trans.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidar_bem_saude_populacao_trans.pdf). [Acesso em: 01.03.2024].
2. Ministério da Saúde. Transexualidade e travestilidade na saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade\\_travestilidade\\_saude.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf). [Acesso em: 01.03.2024].

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

3. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Atlas da Violência 2025. Brasília: IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP); 2025. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/17165>. [Acesso em: 28.08.2025].
4. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 105/2019. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88\\_EC105\\_livro.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88_EC105_livro.pdf). [Acesso em: 01.03.2024].
5. Correa EHA, Debiase J, Correa CRA, Santos IR, Mattos M, Salgado RG. 10 anos de (r)existência da política nacional de saúde integral LGBT: uma revisão integrativa. *Cien Saude Colet.* [Internet]. 2025; 30:e05982023. DOI:10.1590/1413-812320242911.05982023. [Acesso em: 28.08.2025].
6. Silva ACA, Alcântara AM, Oliveira DC, Signorelli MC. Implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) no Paraná, Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação.* [Internet]. 2020; 24:e190568. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.190568>. [Acesso em: 01.03.2024].
7. Sousa PHSF, Souza RF, Costa MRS, Azevedo MVC, Torres RC, Nascimento GC. Protagonismo do enfermeiro na atenção básica de saúde. *Braz. J. Develop.* [Internet]. 2020; 6(10):76157-70. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-151>. [Acesso em: 25.02.2024].
8. Ferreira AS, Silva ALA. O Enfermeiro e a gerência prática de cuidados na Estratégia Saúde da Família: revisão integrativa. *Saúde Redes.* [Internet]. 2021; 6(3):271-8. DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020v6n3p271-281>. [Acesso em: 25.02.2024].
9. Corbin J, Strauss A. *Noções Básicas de Pesquisa Qualitativa.* SÁBIO, 2015.
10. Lefèvre FE, Lefèvre AMC. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto Contexto Enferm.* [Internet]. 2014; 23(2):502-7. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072014000000014>. [Acesso em: 01.03.2024].
11. Lefèvre FE, Lefèvre AMC. The collective subject that speaks. *Interface comun. saúde educ.* [Internet]. 2006; 10(20):517-524. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200017>. [Acesso em: 01.03.2024].
12. Bitencourt KA, Ribeiro LB. População trans na atenção primária: aproximações e distanciamentos. *GÊNERO.* [Internet]. 2019; 20(1):157-170. Disponível em <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/38496/22069>. [Acesso em: 01.03.2024].
13. Soled KRS, Dimant OE, Tanguay J, Hudson J, Russell K, Kazis L, et al. Interdisciplinary clinicians' attitudes, challenges, and success strategies in providing care to transgender people: a qualitative descriptive study. *BMC Health Serv Res.* [Internet]. 2022; 22:1134. DOI:10.1186/s12913-022-08517-x. [Acesso em: 28.08.2025].

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

14. Moura JRF, Silva BV. Corpo silenciado, voz silenciada: análise do discurso dos homens transexuais sobre o atendimento no sistema único de saúde. PERCURSOS LINGÜÍSTICOS. [Internet]. 2020; 10(25):205-221. DOI: <https://doi.org/10.47456/pl.v10i25.30686>. [Acesso em: 01.03.2024].
15. Cerqueira TD, Denega AM, Padovani AS. A importância do nome social para autoaceitação e respeito das pessoas “trans”. Revista Feminismos. [Internet]. 2020; 8(2). Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/34894>. [Acesso em: 25.02.2024].
16. García-Acosta JM, Castro-Molina FJ, Fernández-Martínez AD, Delgado-Reyes A, Castellano-Fuenmayor MA. Best nursing practice: safe and inclusive healthcare environments for transgender people: a systematic review. Nurs Rep. [Internet]. 2024; 25;14(1):287-302. DOI:10.3390/nursrep14010022. [Acesso em: 28.08.2025].
17. Santos MA, Souza RS, Lara LAS, Risk EM, Oliveira WA, Alexandre V, Oliveira-Cardoso EA. Transexualidade, ordem médica e política de saúde: controle normativo do processo transexualizador no Brasil. Est. Inter. Psicol. [Internet]. 2019; 10(1):03-19. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072019000100002&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100002&lng=pt&tlang=pt). [Acesso em: 01.03.2024].
18. Gomes DF, Teixeira ER, Sauthier M, Paes GO. Restriction of public health policy: a challenge for transsexuals in primary. Escola Anna Nery. [Internet]. 2022; 26:e20210425. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0425pt>. [Acesso em: 01.03.2024].
19. Cohen CR, Tilio R. Atendimentos em saúde na perspectiva de transexuais. Psicologia em Revista. [Internet]. 2021; 27(1):165-181. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/21014/19938>. [Acesso em: 01.03.2024].
20. Gomes DF, Teixeira ER, Sauthier M, Gaia AG. Desafios éticos nas relações entre enfermeiro e transexuais na Atenção Primária de Saúde. Research, Society and Development. [Internet]. 2021; 10(1). DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.12110>. [Acesso em: 01.03.2024].
21. Marques PA, Oliveira JZ, Carvalho Júnior JC, Haddad A, Ferreira LM. Educação para mulheres transexuais: as fontes de informação para o público leigo são suficientes? Rev Bras Cir Plást. [Internet]. 2024; 39(3):e0893. DOI:10.5935/2177-1235.2024RBCP0893-PT. [Acesso em: 28.08.2025].
22. Depret D, Neto M, Acioli S, Cabral IV, Morera JC, Rafael RMR. Access of transvestites and transsexual women to Primary Health Care Services: integrative literature review. Research, Society and Development. [Internet]. 2020; 9(10):e2149108595. Acesso em 01 mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8595>. [Acesso em: 01.03.2024].
23. Fernandes MCL, Silva W, Tolentino TS, Araújo MJA, Joventino MLS, Silva PE. Conhecimento de profissionais de enfermagem acerca da assistência à saúde dos transexuais.

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

Rev. Nova Esperança. [Internet]. 2019; 17(2):34-44. DOI: <https://doi.org/10.17695/revnevol17n2p34-44>. [Acesso em: 01.03.2024].

Submetido em: 13/3/2024

Aceito em: 5/10/2025

Publicado em: 2/1/2026

**Contribuições dos autores**

- Mariana Alexandre Gadelha de Lima:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Disponibilização de ferramentas; Design da apresentação de dados; Redação do manuscrito original; Redação-revisão e edição.
- Beatriz Pereira Alves:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Design da apresentação de dados; Redação-revisão e edição.
- Francisca Andreza Passos Silva:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Design da apresentação de dados; Redação-revisão e edição.
- Jonathan Pereira de Sousa:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Design da apresentação de dados; Redação-revisão e edição.
- Anna Kalyne César Grangeiro Adriano:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Design da apresentação de dados; Redação-revisão e edição.
- Petra Kelly Rabelo de Sousa Fernandes:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Supervisão; Design da apresentação de dados; Redação-revisão e edição.
- Rayrla Cristina de Abreu Temoteo:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Supervisão; Design da apresentação de dados; Redação-revisão e edição.
- Marcelo Costa Fernandes:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Disponibilização de ferramentas; Supervisão; Design da

**FATORES INTERVENIENTES NO ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS:  
DISCURSO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

apresentação de dados; Redação do manuscrito original; Redação-revisão e edição.

**Todos os autores aprovaram a versão final do texto.**

**Conflito de interesse:** Não há conflito de interesse.

**Financiamento:** Não possui financiamento

**Autor correspondente:** Beatriz Pereira Alves

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas  
R. Dr. Jorge de Lima, 113 - Trapiche da Barra.  
Maceió/AL, Brasil. CEP 57010-300  
pbia012@gmail.com

**Editora chefe:** Dra. Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz

*Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.*

